



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JOÃO PAULO DE LIMA

**A RELIGIÃO COMO ÓPIO DO POVO: Um estudo sobre a Introdução a Crítica da
Filosofia do Direito de Hegel**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

JOÃO PAULO DE LIMA

**A RELIGIÃO COMO ÓPIO DO POVO: Um estudo sobre a Introdução a Crítica da
Filosofia do Direito de Hegel**

Artigo apresentado ao curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, Joao Paulo de.

A religião como ópio do povo [manuscrito] : um estudo sobre a introdução a crítica da filosofia do direito em Hegel / Joao Paulo de Lima. - 2018.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia alemã. 2. Religião. 3. Sistema capitalista. 4. Alienação. 5. Marxismo.

21. ed. CDD 193

JOÃO PAULO DE LIMA

A RELIGIÃO COMO ÓPIO DO POVO: um estudo sobre a introdução a crítica da filosofia do direito de Hegel

Artigo apresentado ao curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Professor em Filosofia.

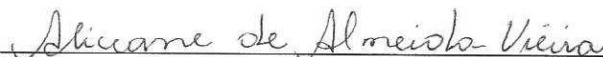
Área de concentração: Marxismo e Religião.

Aprovada em: 07/06/2018.

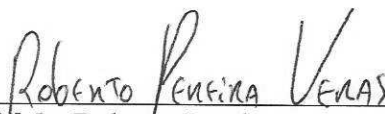
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Ma. Aliceane de Almeida Vieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Roberto Pereira Veras
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Às minhas filhas Clara e Sophia, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela a vida na qual sem Ele não seria possível chegar até aqui.

Agradeço de modo especial, a minha família, minha esposa Lucinea do Nascimento Silva e as minhas duas filhas, Clara do Nascimento Lima e a Sophia do Nascimento Lima. Pela paciência, compressão que tiveram para comigo ao longo destes 05 (cinco) anos, pois sem o apoio de vocês não seria possível esta realização na minha vida.

Ao professor Doutor Valmir Pereira, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência na qual teve para comigo e sua dedicação. Serei eternamente grato.

Aos professores do Curso de Filosofia da UEPB, em especial, ao mestre orientador Prof. Dr. Valmir Pereira que contribuíram ao longo destes 05 (cinco) anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, na qual trago no meu coração e serei eternamente grato, Rafael Bruno e a Renata Leite Nunes. À vocês dois levarei esta amizade, companheirismo pelo resto da minha vida.

Aos meus colegas de trabalho, Anastácio Leandro Sedro Sampaio e a Gerlândia Ildefonso dos Reis, pelas suas preocupações em relação na minha defesa deste trabalho.

“A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo”. (Karl Marx).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. A RELIGIÃO COMO EMBRUTECEMENTO	08
3. A RELIGIÃO COMO DISPOSITIVO DO ESTADO	11
4. A RELIGIÃO COMO ALIENAÇÃO	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

A RELIGIÃO COMO ÓPIO DO POVO: Um estudo sobre a Introdução a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel

João Paulo de Lima¹

RESUMO

O presente artigo tem por escopo examinar a crítica à religião levantada por Karl Marx, a qual se apresenta como dispositivo de alienação, garantido a manutenção do sistema econômico estabelecido pelo Estado e como impedimento da consciência política ao proletariado. Partindo de um estudo bibliográfico da obra "*Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*", com ênfase analítica da parte introdutória. Analisaremos como o Estado estabelece uma relação com a religião ao que se refere à maneira como o processo de alienação se desenvolveu historicamente, a partir dessa relação. Ao passo de que se busca compreender a maneira como qual as decisões do estado estão intrinsecamente ligadas a religião e, por conseguinte, a consciência do trabalhador, já que sendo parte crucial do sistema capitalista, esse desempenha um papel de coadjuvante, resultado do pensamento passado pela religião. Essa análise permite, a partir dos elementos aqui levantados, demonstrar como a religião pode ser nociva, quando sai de um patamar particular, para um âmbito social.

Palavras-chave: Capitalismo. Alienação. Emancipação. Marxismo. Religião.

1 INTRODUÇÃO

Para que possamos compreender a finalidade do presente trabalho compete-nos a consciência de que Karl Marx (1818-1883) tratou do tema religião como um elemento consequente daquilo que buscou pesquisar durante sua vida: capitalismo e alienação, são exemplos. Desta forma, em seus estudos estabeleceu conexões entre os ideais do Estado e da sociedade, a partir dos reflexos da indústria e da instauração do capitalismo no mundo moderno, como meio de exploração da classe trabalhadora.

Aqui tentaremos desenvolver um estudo acerca da religião como "o ópio do povo". Entretanto, para que possamos estabelecer uma compreensão sobre a problemática apresentada, compete a nós a realização de um estudo metodológico sobre a "*Introdução da Crítica do Direito de Hegel*", publicada, pela primeira vez, em 1843, obra em que Karl Marx passa a compreender a religião como instrumento de alienação. Com o objetivo de atingirmos tais compreensões, partiremos de três aspectos, sendo 1) analisar como o Estado se utiliza da religião para promover a execução do processo alienador; 2) buscar uma compreensão

¹ Aluno do curso de graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I
E-mail: joaopaulo.de.lima281@gmail.com

possível acerca do processo de alienação realizado pela igreja, demonstrando como a religião bloqueia a conscientização política dos trabalhadores e; 3) desenvolver uma compreensão possível sobre como poderia o homem atingir a sua emancipação.

Neste sentido, o trabalho apresentado se justifica na tentativa de apresentar a crítica levantada por Karl Marx à religião como processo de alienação, a qual explora e subordina o homem. Influenciado por Feuerbach (1804-1872), Karl Marx parte do entendimento de que a religião seria uma criação do próprio homem. Tendo em vista, que a religião se apresenta ao homem como um refúgio criado para amenizar as anomalias causadas pelo instante vivido.

Na tentativa por buscarmos a compreensão acerca do tema nos questionamos sobre a religião como uma forma de alienação. Quais as razões fundantes para a crítica da religião no pensamento de Marx? Contudo, a alienação contida na religião lança o homem para fora de si, perdendo-se na ilusão do mundo transcendente. Sendo assim, a religião se apresenta para Marx como uma projeção do homem no mundo das ilusões, haja vista que a religião tem a sua aurora na convivência sócio-política perturbadora dos homens.

Com efeito, não nos deteremos aqui a um estudo voltado para o conhecimento histórico, como se apresenta para muitos estudiosos do pensamento de Karl Marx, como um fator importante e de grande legado no pensar marxista, a qual é entendida como uma teoria social e econômica desenvolvida de modo sistêmica. Mas, um estudo dialógico dos escritos de Marx que se dirigem a crítica da religião como processo de alienação e alienador do povo. Portanto, a base para a explanação dada aqui, tem o objetivo chave, buscar elementos em Karl Marx e nos autores que seguem que definam e marquem de maneira real a ponte que liga a o Estado à religião como empecilho para o desenvolvimento de uma consciência.

2 A RELIGIÃO COMO EMBRUTECIMENTO

Para iniciarmos a discussão devemos compreender que Karl Marx ao realizar suas críticas a religião, recebe influência do pensamento de Feuerbach ao trazer para o cenário de discussão que os

deuses são seres que só existem para e através dos homens; por isso não velam o homem quando este dorme, mas quando os homens dormem, dormem também os deuses, isto é, com a consciência do homem se esvai também a existência dos deuses (FEUERBACH, 1967, p. 99).

Como vemos, Feuerbach nos leva a compreensão de que os deuses são criações ou produções dos próprios homens, visto que, a existência dos deuses está garantida enquanto os

homens estão acordados, ou seja, conscientes. Ao passo que quando estão em vigília (não conscientes) aparenta não mais existir devido à ausência da consciência religiosa.

Seguindo a prerrogativa da crítica a religião levantada por Feuerbach, Karl Marx em sua *Introdução a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* desenvolve a compreensão da religião como alienação ou processo alienador, visto que a religião projeta para um mundo invertido para a consciência do homem. Logo, o presente mundo invertido é exploratório e opressor, o qual causa uma felicidade ilusória diante da realidade que vive.

Para Marx, a religião diante das fantasias do mundo explorador se apresenta para o homem como uma espécie de alento que o revigora e o conduz para o enfrentamento diário do mundo real, tornando-se uma espécie de anestésico diante da angústia em que se encontra. Ou seja, ao mesmo tempo em que se é positiva para esse, traz em si a negatividade de fazer-se realidade para um sistema que tem suas intenções bem elaboradas.

Acerca da religião como processo alienador de exploração e opressão da classe dominada, Marx expõe que:

Ela é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo. (MARX, 2010, p. 145).

A religião sendo ela alienação, provoca no mundo invertido em que o homem habita uma “realização fantástica”, a qual gera uma realidade ilusória ou fantasiosa de um mundo inexistente. O movimento religioso baseado na crença do mundo real como verdadeiro, gera no homem o sentimento de superação das dificuldades, como alento, como caráter positivo do viver, ou seja, ela permite ao homem crer em um mundo que explora, mas, que desenvolve uma consciência de que não há exploração.

Ao dizer que “a miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real” (MARX, 2010, p. 145), Marx destaca que o movimento desenvolvido pelo pensamento religioso conduz o homem a uma miséria de si, porque sequer toma para si a compreensão do que ele venha a ser. Por isso, ao criticar a religião, Marx demonstra a necessidade do homem buscar a sua própria emancipação, ao ver que “a emancipação do alemão é a emancipação do homem” (MARX, 2010, p. 157).

A religião permite ao homem suspirar diante da exploração e opressão em que vive, todavia, a religião retira do homem a possibilidade de conhecer a sua emancipação como ressalta Mondin (1997, p. 155 *apud* SANTOS, 2008, p. 44) ao estabelecer que:

a religião opõe-se à luta de classes, pregando o amor e o perdão em vez da justiça e da revolução, adia a solução dos problemas deste mundo remetendo-a para outro mundo. Por isso, para resolver os problemas sociais e políticos e realizar o projeto de uma sociedade sem classes, é preciso suprimir a religião.

A religião bloqueia a existência da luta de classes no mundo real. Ela é um instrumento de alienação e, portanto, a própria a alienação, não permitindo enquanto instrumento alienador, que o homem venha a resolver os problemas existentes em sua realidade, a exemplo da exploração e da opressão pelo trabalho. Assim, a religião impede que o homem busque a sua emancipação, ao perceber que o desenvolvimento da revolução da luta de classes gera conflitos. Em contrapartida, se faz necessário para a religião a presença do “amor e do perdão” entre os homens fazendo-os viver em mundo invertido, ilusório, irreal.

Para tanto, é necessário compreendermos que a religião não está apenas presente no campo religioso, mais também, no político e no social. O que para Marx, a religião é “o *ópio* do povo” (MARX, 2010, p. 145), é a substância fantasiosa que o impede de conhecer a realidade em que vive. Mas, o que viria a ser o “*ópio*”?

A palavra **ópio**, em farmacologia, é «mistura de alcalóides extraídos da papoula (*Papaver somniferum*), de ação analgésica, narcótica e hipnótica, [usada também] na produção de morfina, codeína, heroína etc.» e, numa derivação por metáfora, trata-se de «aquilo que serve de paliativo ou que provoca adormecimento, embrutecimento moral». Foi este último sentido que Karl Marx atribuiu ao termo **ópio** na sua famosa frase «**A religião é o ópio do povo**», ou seja, «a religião provoca adormecimento no povo e serve de paliativo aos seus problemas» (HOUAISS, 2010).

Como nos é afirmando pelo dicionário, o “*ópio* do povo” adormece a multidão, por meio de encantos, fantasias e alegorias, por combinar “simultaneamente características de conformação e alienação espiritual com a inevitável angústia relativa às injustiças do mundo” (DERISSO, 2014, p. 886). Desse modo, a religião dosa a camada explorada da sociedade, a fim de conter a revolução de classes. Em relação a compreensão do que venha a ser a expressão a religião como “*ópio* do povo”.

Muito pouco compreendida, a famosa frase do período da juventude de Marx é retirada da sua obra *A questão judaica*, na qual efetua uma crítica da

concepção de Estado, que é a base do Estado alemão do século XIX. É também nesta obra que Marx formula o seu conceito de religião. Associando a religião a uma substância, o ópio, que faz com que as pessoas entrem em um estado de paralisia e percam o fio condutor que as ligam com a realidade, foi a forma encontrada por Marx para, em poucas palavras, definir o efeito e a essência da religião. Com efeito, para ele a religião é eminentemente ideologia, ou seja, consolação e justificação de uma realidade onde reinam a opressão e a exploração (SANTOS, 2008, p. 44).

No mundo moderno o homem entra em contato com o processo de alienação utilizado pelo Estado. Na modernidade, a religião é posta como dispositivo de alienação, porque “o homem busca a religião como um ópio de que precisa para superar a sua miséria real” (AGUIAR, *et al*; 2009, p. 109). Como retrata Lopes acerca da crítica à religião, podemos ressaltar que:

a religião funciona como calmante: “É o ópio do povo”. A religião retira a capacidade humana de ver a realidade, hipnotizando os homens pela falsa superação da miséria, com falsas imagens, destruindo sua força de revolta; revolta essa que poderia levar o homem a uma superação dessa realidade - em outras palavras, a religião anula todas as possibilidades, todas as tentativas do homem mudar, superar, transpor as barreiras impostas pelo capitalismo à sua existência. Para Marx o homem deve entender o processo histórico e superá-lo e isso só acontece na medida em que o homem sai do plano teórico para a práxis, ou seja, não basta entender, é preciso ainda superar. A religião entravaria este processo, tornando o homem passivo neste contexto, daí sua condição alienante. Para ele não há uma ordem natural das coisas, tudo pode ser transformado (LOPES, 2013, p. 3).

Na obra *A Questão Judaica*, a qual aqui nos debruçaremos de forma detalhada, Marx nos conduz a compreensão de que a religião é um dispositivo ideológico, e, portanto, é ideologia. Visto que, a formação de ideias não é própria da religião, mas, que é um produto, “resultado das condições sociais fabricadas pelos homens” (AGUIAR, *et al*; 2009, p. 109).

Neste sentido, a religião virá a desaparecer do cenário social por não ter em si mesma uma substância própria, porque se a religião é produto do homem, gerado a partir das condições sociais, não faz sentido a sua existência. E por isso, “uma vez que o homem cria as condições que fazem a religião existir, ele pode gerar uma realidade contrária” (AGUIAR, *et al*; 2009, p. 109).

3 A RELIGIÃO COMO DISPOSITIVO DO ESTADO

Ao compreendermos a religião como o embrutecimento do homem, ao domá-lo por meio do processo de alienação dentro da manutenção e desenvolvimento do Estado, compreendemos que “as alienações que brotam da submissão do ser humano ao capitalismo são muito variadas. Mas, o fundamental se localiza nas relações de produção capitalistas. Estas transformam as pessoas em coisas ao convertê-las em mercadorias” (LESSA; TONET, 2011, p. 94). Logo, a religião sendo utilizada como dispositivo alienador do Estado resulta no homem como ser desumanizado, definido como “coisa”, ou seja, como um objeto mercadológico. Velando ao homem a sua real posição dentro da sociedade capitalista, o qual é ser meramente uma mercadoria, uma coisa que se vende e é vendida, ou simplesmente, como um produto. Assim,

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvincilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo. (MARX, 2010, p. 146).

A crítica a religião levantada por Marx tem como finalidade a libertação do homem do mundo invertido, não o permitindo mais enganar-se e ser capaz de pensar a realidade em que vive, passando a “[gitar] em torno de si mesmo”, e, não, em torno do “sol ilusório” apresentado pela religião. Dentro do Estado capitalista, o ser humano é tratado como mercadoria, importando apenas o lucro aos capitalistas. Logo, a classe operária não se dá conta do processo alienador em que se encontra inserido. Sendo iludido de que vendendo a sua força de trabalho, o seu salário e a sua condição de vida melhorará, o operário não enxerga que os lucros do patrão aumentam enquanto seu salário sempre permanece o mesmo.

Nesse contexto, as tensões sociais se tornam cada dia mais graves. Fome, miséria, desemprego, violência tornam-se ainda mais insuportáveis à medida que dispomos dos recursos necessários para eliminar todas essas desumanidades. Contudo, a sociedade burguesa conta com um enorme triunfo para essa situação. O fato de o trabalhador receber sob a forma de salário o que de fato vale a sua força de trabalho como mercadoria e o fato de o mercado estabelecer esse valor, e não os patrões em particular, fazem com que a relação capital/trabalho não se caracterize como um roubo. O trabalhador sabe que, para o sistema capitalista, o seu valor é aquele expresso no seu contra-cheque e que, em outro emprego, ele receberia mais ou menos a mesma coisa. Essa situação social gera a ilusão, no trabalhador,

de que ele compartilha de um destino comum com o capitalista. (LESSA; TONET, 2011, p. 96).

Por meio do pensamento de Lessa e Tonet (2011) compreendemos a ilusão que o Estado gera na consciência do homem moderno. Muitos trabalhadores acreditam que vendendo a sua força de trabalho estarão se emancipando, porque compartilharão “de um destino comum com o capitalista” (LESSA; TONET, 2011, p. 96), a partir da ilusão de que a organização político-econômica por meio do capitalismo iria gerar no homem a sua emancipação, a sua autonomia e a sua liberdade. Todavia, o capitalismo traz para o cenário social a existência acentuada da fome, da miséria, do desemprego e da violência.

(...) emprego de máquinas em grande escala, possibilitando um incremento em todas as operações industriais e comerciais e uma passagem da economia essencialmente camponesa, com predomínio de mercados locais, para uma sociedade industrial em que as conexões internacionais lhe permitem exportar os excedentes de sua produção, expandia-se sob a forma do capitalismo liberal. O proletariado (a classe operária) vivia sob as mais desumanas condições de trabalho, salários de fome, a inexistência de mecanismo de reivindicação da justiça social e, sobretudo, com o próprio Estado a serviço de uma economia violentamente competitiva. (NOVA, 1999, p. 276 *apud* SANTOS, 2008, p. 48).

A instauração do mundo moderno provoca grandes mudanças no seio social, além de se apresentar como uma ruptura radical. Para compreendermos a radicalidade do mundo industrial, lembramos que antes da sua chegada, a sociedade possuía a economia camponesa, sem o ideal de produção em grande escala. Com a indústria, o ser humano é desumanizado, que ao vender a sua força de trabalho, adere a uma vida desumana, com péssimas condições de trabalho e salários baixíssimos. Entretanto, a ilusão político-econômica gerada pelo Estado faz o homem acreditar em uma possível ascensão e superação das suas condições de vulnerabilidade, o qual por ser ilusória, garante “a inexistência de mecanismo de reivindicação da justiça social e, sobretudo, com o próprio Estado a serviço de uma economia violentamente competitiva” (NOVA, 1999, p. 276 *apud* SANTOS, 2008, p. 48).

Ao desenvolver a crítica a religião, Marx acentua que é preciso ser radical, pois

Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem. A prova evidente do radicalismo da teoria alemã, portanto, de sua energia prática, é o fato de ela partir da superação positiva da religião. A crítica da religião tem seu fim com a doutrina de que *o homem é o ser supremo para o homem*, portanto, com *o imperativo categórico de subverter todas as relações* em que o homem é um ser humilhado, escravizado,

abandonado, desprezível. Relações que não podem ser mais bem retratadas do que pela exclamação de um francês acerca de um projeto de imposto sobre cães: “Pobres cães! Querem vos tratar como homens!”. (MARX, 2010, p. 151).

Marx nos chama a atenção para que nos concentremos no principal da questão, ou seja, na raiz do problema, o qual “é o próprio homem” (MARX, 2010, p. 151), visto que se faz necessário ao homem a superação da religião por esta ser alienadora, dispositivo alienador do Estado e por impedir ao homem que desenvolva a sua consciência política. Em contrapartida, segundo Lopes (2013, P.2) podemos afirmar que no pensamento marxista:

O homem é o criador da religião. Quando propõe uma análise da religião, Marx quer verificar os conflitos dela oriundos, sua superação e conseqüente destruição desses conflitos. A religião é o sentimento de paz e harmonia de uma sociedade alienada

Ao partir das *Teses sobre Feuerbach* e retornando a discussão sobre a religião, levantando questionamento a respeito do idealismo estabelecido por Feuerbach, Marx ressalta que “Feuerbach converte a essência religiosa em essência humana. Mas a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado. Na sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais” (MARX, 2000, p. 101).

Em contrapartida ao que Feuerbach estabelece acerca da “essência religiosa” por meio do movimento do processo de alienação e, sendo, portanto, a religião “o *ópio* do povo”, nos é possível compreender pelos escritos de Marx que esta impede que o proletariado enxergue a sua exploração, escravização e a sua humilhação desprezível. Logo, a ilusão religiosa de uma realidade fantasiosa impede que a revolução da luta de classes aconteça, permitindo apenas a existência do conformismo e justificação de uma realidade invertida. Neste contexto, Marx (2010, p. 145) afirma que:

a existência profana do erro está comprometida, depois que sua *celestial oratio pro aris et focis* [oração para altar e fogão] foi refutada. O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, encontrou apenas o *reflexo de si mesmo*, já não será tentado a encontrar apenas a *aparência* de si, o inumano, lá onde procura e tem de procurar sua autêntica realidade.

A partir da crítica à religião e ao problematizar a relação Estado-Religião, Marx expõe que não há um “Deus”, um ser supremo, “um super-homem”, o que há é apenas um reflexo do próprio homem, ou seja, o que existe é apenas um reflexo de si, um desejo ilusório

daquilo que busca acerca do mundo em que se encontra. Entretanto, acerca da relação entre marxismo e religião, Derisso (2014, p. 893-894) expõe que:

Conceber a religião como manifestação desvinculada das relações sociais, que por sua vez são permeadas pela alienação econômica, é o mesmo que reconhecer que no mundo do transcendente o critério de verdade seja distinto daquele que é válido para o mundo dos homens. Aceitar a possibilidade de interação entre religião e marxismo seria reduzi-lo a um mero humanismo, tomando-o exclusivamente pela posição deste frente à realidade presente, ou seja, à luta pela revolução, desconsiderando seu fundamento no materialismo histórico e dialético e a centralidade do trabalho na formação do gênero humano que possibilita que o homem seja o produtor de seu mundo e consequentemente de si mesmo.

Para Derriso (2014) a alienação tem seu princípio na atividade econômica, a qual é exteriorizada na sociedade, tendo como produto uma sociedade alienada. Logo, o processo de alienação não está meramente vinculado a classe operária, mas também, aos indivíduos da classe burguesa. Além disso, continua aquele autor:

a constatação da existência de uma sociedade alienada não significa dizer que as pessoas deixam de estabelecer relações para além da atividade produtiva, mas que a alienação induz ao individualismo que se impõe como padrão de comportamento social. Além de afetar as relações sociais e afetivas, a alienação determina também a relação que as pessoas estabelecem para com o conhecimento humano socialmente produzido, ou seja, as objetivações genéricas tais como as ciências, a arte, a filosofia, o direito, a política, etc. (DERISSO, 2014, p. 894).

Ainda para Derisso (2014, p. 894-895) a religião vem perdendo o seu grau de importância para a população, porque na medida em que os povos, de modo coletivo, se tornam “sujeito da produção material juntamente com o destino da sociedade e de suas vidas particulares, ocorre a contribuição para o desenvolvimento do conhecimento objetivo sobre a natureza e a sociedade”.

Portanto, a alienação é uma via de mão dupla, ao passo que é sustentada pela base do capitalismo, ela engloba todos os seres que por ele subexistem. Deste modo, não se cabe argumentar que a alienação tem somente uma classe em específico. A isso se pode chamar de ‘universalização do sistema’ muito embora as consequências sejam arbitrárias.

4. A RELIGIÃO COMO ALIENAÇÃO

Partindo do pressuposto acerca daquilo que podemos compreender por alienação, Lima Vaz (2000) nos apresenta em seus estudos sobre a crítica de Marx à religião, que aquele filósofo alemão é um dos grandes pensadores que:

define a natureza humana por suas carências ou necessidades e pela dialética da satisfação dessas necessidades, desdobrando-se seja na relação do homem com a natureza exterior pelo trabalho, seja em sua relação com os outros homens pela natureza (LIMA VAZ, 2000, p. 129).

Além disso, ao problematizarmos o conceito de alienação, podemos afirmar que:

Etimologicamente, vem de alienar = tornar alheio; alienar-se = tornar-se alheio. Como se vê, o termo significa uma noção relativa e não pode, pois, entender-se exatamente sem a especificação do segundo termo da relação ao qual se opera a alienação (NOGARE, 1990, p. 93).

Neste sentido, na introdução da obra *“Crítica da filosofia do Direito de Hegel”*, Marx nos diz que a religião é alienação e que esta bloqueia a consciência política do homem acerca do processo de exploração e opressão que é exercido sobre si. Neste sentido, segundo Nogare (1990, p. 101) para Marx, o homem é aquele que produz, ou seja, é um *homo faber*. Logo, podemos ressaltar que a religião se compreende enquanto alienação, ou seja, enquanto produto criador de um mundo invertido, ilusório e, portanto, não existente, tendo em vista o alívio das dores do mundo moderno, causador das péssimas condições que o homem passou a viver após a instauração do capitalismo industrial. Além disso, a religião assume o papel de ludibriar o homem, encaminhando-o para lugares celestiais a fim de velar a miséria e a opressão da realidade humana.

A religião é, portanto, alienação. Todavia, a alienação não é o fundamento da religião, mas o seu fim. Nesta perspectiva podemos dizer que “a religião é o ópio do povo, porque engana o homem, induzindo-o a pensar que deve aceitar com mansidão o seu presente estado de vida” (FADDEN, 1963, p. 154)

Embora a religião faça parte do homem, Marx acredita que, se as camadas socioeconômicas forem destruídas, a religião também o será. Neste sentido, compreendemos que “a religião nasceu com o método supersticioso para mitigar os horrorosos efeitos das forças naturais” (FADDEM, 1963, p. 150) que controlam o homem tanto no seu agir quando no seu pensar.

A religião nada mais é do que um subproduto de classes. São as estruturas econômicas que produzem a falsa consciência, a qual se compreende enquanto religião. Em contrapartida, a religião nada mais seria ou teria o poder de ofertar, certo alívio espiritual, compreendido em Marx como uma libertação imaginária, ou simplesmente, ilusória. Marx ressalta ainda que “a crítica da religião liberta o homem da fantasia, para que possa pensar, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, para que gire em torno de si mesmo e, assim, em volta do seu verdadeiro sol” (MARX, 2010, p. 146).

Segundo Nogare (1990), Marx após ter analisado as produções do grandioso Feuerbach teria compreendido que:

temos de colocar no lugar do amor de deus, o amor dos homens, como uma única, verdadeira religião, no lugar da fé em um deus, a fé no homem em si, em sua força, a fé em que o destino da humanidade não depende de um ser fora ou acima dela, mas dela própria, que o único diabo do homem é o próprio homem (NOGARE, 1990, p. 90).

Todavia, a alienação contida na religião lança o homem para fora de si, perdendo-se na ilusão do mundo transcendente. Sendo a religião, a projeção do homem no mundo das ilusões, logo, a religião tem a sua aurora na convivência sócio-política perturbada dos homens, nos diz Marx.

Portanto, para Marx se faz necessária a libertação do homem enquanto ser alienado pela religião, sendo necessária, suprimir a religião, pois, a religião é o espelho da realidade miserável do mundo social opressor, sendo a superação desta realidade, crítica intelectual, uma vez que “a crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, a crítica da religião da religião, na crítica do direito, a crítica da teologia, na crítica da política”, como afirma Marx (2010, p. 146). Nesse sentido, é necessária a eliminação de todas as condições miseráveis que originaram o mundo opressor. Assim, segundo Marx, nos é afirmado que:

A supressão [*Aufhebung*] da religião como felicidade *ilusória* do povo é a exigência da sua felicidade *real*. A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões. A crítica da religião é, pois, em *germe*, a *crítica do vale de lágrimas*, cuja *auréola* é a religião. (MARX, 2010, p. 146).

Para Marx é preciso que o homem abandone a felicidade ilusória em detrimento de uma felicidade real, porque a religião provoca no homem uma condição de exploração e

opressão, a qual impede que desenvolva a consciência político-econômica de que a religião é um dispositivo de manutenção do Estado. Para que o homem atinja a felicidade real é preciso que este suprima a religião, porque a “crítica da religião é, pois, em *germe*, a *crítica do vale de lágrimas*, cuja *auréola* é a religião” (MARX, 2010, p. 146). Além disso, a religião vela ao homem as verdades do seu mundo, apresentando apenas um mundo fantástico, invertido, irreal e ilusório, portanto, a religião é o dispositivo alienador do Estado. Situando a presente discussão podemos ressaltar que:

Os princípios sociais do cristianismo justificaram a escravidão na antiguidade, glorificaram a servidão na idade média, e também sabem, quando é necessário, defender a opressão do proletariado, ainda que assumam um semblante de lástima ao fazê-lo. Os princípios sociais do cristianismo pregam a realidade de uma classe governante e uma oprimida, e a única coisa que tem para essa última é o piedoso desejo de que a outra se mostre caritativa (ASSMANN & MATE, 1974, p. 177 *apud* ROSA; CHEVITARESE, 2014).

Por meio da exposição acerca da religião como objeto de manutenção das ilusões desenvolvidas pelo Estado compreendemos que a religião bloqueia a conscientização política do proletariado em favor dos benefícios que o Estado lhe garante. Logo, com as tensões entre capitalismo e socialismo podemos afirmar que:

A Igreja defende a tese de que o maior perigo é representado pelo pensamento socialista, que vem abalar valores fundamentais da sociedade e da cultura ocidental. Mesmo assim, a Igreja não fica à margem do movimento social. Ela pretende atingir a justiça social através da solidariedade cristã. [...] Logo, a Igreja propõe ao Estado que o operário deve fornecer integral e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu; o patrão, por sua vez, deve dar a cada operário o salário que convém. Desta forma, a Igreja Católica formula uma nova concepção de Estado que não é um governo estabelecido num determinado povo em particular, mas todo governo que corresponde aos preceitos da razão natural e aos ensinamentos divinos; contudo é dever do Estado zelar pelo bem moral e pelo bem social do cidadão, pois é nisto que consiste a relação entre Estado-Igreja (SANTOS, 2008, p. 49).

Ainda, sobre o proletariado, Marx nos afirma que:

O proletariado começa a se formar na Alemanha como resultado do emergente movimento *industrial*, pois o que constitui o proletariado não é a pobreza *naturalmente existente*, mas a pobreza *produzida artificialmente*, não a massa humana mecanicamente oprimida pelo peso da sociedade, mas a massa que provém da *dissolução aguda* da sociedade e, acima de tudo, da dissolução da classe média, embora seja evidente que a pobreza natural e a

servidão cristão- -germânica também engrossaram as fileiras do proletariado (MARX, 2010, p. 156).

Entretanto, percebendo a relação que o Estado e a Religião instauram após a Revolução Industrial, ocorrida na segunda metade do século XVIII, no pensamento de Marx torna-se evidente a necessidade de que o homem atinja a sua emancipação, passando a viver uma verdade real. Logo, a crítica a religião tem como objetivo desiludir o homem da condição fantasiosa que a religião o apresenta a fim de manter o sistema econômico implantado pelo Estado.

Assim, a destruição da religião vem significar o surgimento da liberdade do homem, porque permite ao proletariado passar da “felicidade ilusória à felicidade real”. Contudo, o problema da alienação desemboca dos aspectos, os quais precisam ser superados pelo proletariado, sendo o primeiro referente a “emancipação política”, a qual surge com os preceitos da Revolução Francesa e com a Constituição dos Estados Unidos da América do Norte (SANTOS, 2008, p. 50), em que “a emancipação política é a relação do homem, de um lado, o membro da sociedade burguesa, o indivíduo egoísta independente e, de outro, o cidadão do Estado, a pessoa moral” (MARX, 2000, p. 42). A “emancipação humana” diz respeito ao ser social humano, o qual nega a falsa liberdade imposta pelo Estado, confirmada pela conscientização religiosa. Entretanto, “somente quando o homem tenha reconhecido e organizado suas próprias forças sociais e quando, portanto, já não separa de si a força social sob a forma de força política, somente então se processa a emancipação humana” (MARX, 2000, p. 42).

Ao derrotar a religião em suas raízes sociais, Marx propõe a construção do comunismo como possibilidade para a não existência de uma sociedade dividida por classes, a qual constitui-se de uma que domina e de outra que se submete. Por isso, a necessidade de suprimir a religião e o egoísmo. Com relação a tal questão, Marx (*apud* SANTOS, 2008, p. 51) nos diz que “trata-se da passagem necessária sem propriedade privada, sem divisão de trabalho, sem alienação e, sobretudo, sem Estado e, portanto, sem classe”. Portanto, a relação entre Estado-Religião se efetiva através do egoísmo e do dinheiro que “constitui o fundamento da religião judaica e da sociedade burguesa, capaz de transformar o dinheiro em um Deus zeloso de Israel, ao qual nenhum outro deus pode prevalecer” (SANTOS, 2008, p. 51).

Nesta perspectiva é necessário que o homem atinja a sua emancipação política e humana. Acerca do processo de emancipação:

Na Alemanha, a emancipação da *Idade Média* só é possível se realizada simultaneamente com a emancipação das superações *parciais* da Idade Média. Na Alemanha, *nenhum* tipo de servidão é destruído sem que se destrua *todo* tipo de servidão. A *profunda* Alemanha não pode revolucionar sem revolucionar *desde os fundamentos*. A *emancipação do alemão é a emancipação do homem*. A *cabeça* dessa emancipação é a *filosofia*, o *proletariado é seu coração*. A filosofia não pode se efetivar sem a suprassunção [*Aufhebung*] do proletariado, o proletariado não pode se suprassumir sem a efetivação da filosofia. Quando estiverem realizadas todas as condições internas, o *dia da ressurreição alemã* será anunciado pelo *canto do galo gaulês* (MARX, 2010, p. 157).

Portanto, é na crítica da religião que se encontra o fundamento para a busca pela emancipação e liberdade do homem, a qual só é possível no estabelecimento de um mundo sem classe, sem exploração e sem opressão. A emancipação é instauração de um mundo sem “*ópio*”, sem máscaras, sem fantasia, sem ilusão. Logo, a filosofia é fundamento de efetivação para a efetivação do proletariado. Assim, o que se é necessário fazer é, tirar a evidência que o sistema capitalista tem e busca e dessa forma, a religião estará em segundo plano, ou seja, o mundo de utopia dará lugar ao mundo de realidade, de causas e efeitos reais, que somente no ‘aqui e agora’ pode ser modificado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver do presente estudo e na busca de compreendermos “a religião como *ópio* do povo” percebemos que esta bloqueia a existência da luta de classes no mundo real. Logo, a religião é um instrumento de alienação, uma vez que pode ser caracterizada como um “descanso” acerca da realidade, impedindo o indivíduo de discernir as causas reais de toda e qualquer apatia gerada pelo cotidiano. Então pode-se pensar na religião como a própria alienação.

Ela não permite enquanto instrumento alienador que o homem venha a resolver os problemas existentes em sua realidade, a exemplo da exploração e da opressão pelo trabalho. O que pode servir como uma venda abstrata. Além disso, a religião permite ao homem suspirar diante da exploração e opressão em que vive, todavia, ela retira do homem a possibilidade de conhecer a sua emancipação.

Assim, verificamos também que o Estado gera na consciência do homem uma ilusão, fazendo-o acreditar que vendendo a sua força de trabalho para um “senhor” estarão se emancipando, por compartilharem de um destino comum com o capitalista. Logo, com o

desenvolvimento do processo alienador, a organização político-econômica por meio do capitalismo, gera no homem a falsa ilusão de sua emancipação, de sua autonomia e de sua liberdade.

Nesse sentido, o capitalismo traz para o cenário social a existência acentuada da fome, da miséria, do desemprego e da violência. Por isso, a crítica à religião tem como objetivo desiludir o homem da condição fantasiosa que a religião o apresenta a fim de manter o sistema econômico implantado pelo Estado. Portanto, é necessário que se coloque a religião em um plano não de evidencia. A fim de garantir a liberdade do homem, para que o proletariado passe da felicidade ilusória à felicidade real. Que nada mais é, do que enxergar-se como parte importante em todo processo de construção da sociedade, logo, detém em si própria a maneira concreta de mudar sua realidade.

Constatamos também que dentro do movimento relacional entre Estado-Religião, o qual se efetiva através do egoísmo e do dinheiro que constitui o fundamento da religião judaica e da sociedade burguesa, é preciso destruir a religião com o objetivo de garantir o comunismo, o qual desenvolve uma sociedade sem classes, sem exploração, sem opressão, sem a falsa ilusão de um mundo invertido, sem um “*ópio*” que escraviza e subordina a classe operária.

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine the critique of religion raised by Karl Marx, which presents itself as a device for alienation, guaranteeing the maintenance of the economic system established by the State and as an impediment of political consciousness to the proletariat. Starting from a bibliographical study of the work "Critique the Philosophy of Right of Hegel", with analytical emphasis of the introductory part. We will analyze how the State establishes a relation with religion to the way in which the process of alienation has developed historically, from this relation. While seeking to understand the way in which the decisions of the state are intrinsically linked to religion and, therefore, the consciousness of the worker, since being a crucial part of the capitalist system, it plays a supporting role, a result of past thinking by religion. This analysis allows, from the elements raised here, to demonstrate how religion can be harmful, when it leaves a particular level, for a social scope.

Key words: Capitalism. Alienation. Emancipation. Marxism. Religion.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. M. B; *et al.* **Marx e a religião: a construção do conhecimento histórico.** III Encontro de História. Universidade Católica de Pernambuco. “Brasil: 120 anos de

República”. 2009. Recife: PE. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/3Col-p.106-112.pdf>. Acesso em: 22 maio 2018.

DERRISO, J. L. **O marxismo e a religião**. XII Jornada do HISTEDBR e X Seminário do HISTEDBR-MA. Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC). Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). “A crise estrutural do capitalismo e seus na educação brasileira”. 2014. São Luís: MA. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada12/artigos/4/artigo_eixo4_335_1410803537.pdf. Acesso em: 22 maio 2018.

Dicionário Eletrônico Houaiss. **Ópio**. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-da-palavra-opio/27475>. Acesso em: 22 maio 2018.

FADDEN, J. Mc. **Filosofia do comunismo**. 2. ed. Lisboa: União gráfica, 1963. (Galáxia, vol. I).

FEUERBACH, L. **Vorlesungen über das Wesen der Religion**. Org. por W. Schuffenhauer, GW 6, Berlin: Akademie-Verlag, 1967.

_____. **Preleções sobre a essência da religião**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LESSA, S; TONET, I. **Introdução à Filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. **Antropologia Filosófica I**. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LOPES, R. **Um olhar Crítico: O pensamento de Marx acerca da Religião**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/download/15369/8739> Acesso em 25 de maio de 2018.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **As Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica**. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997.

NOGARE, P. D. **Humanismos e Anti-humanismos: Introdução à antropologia filosófica**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

NOVA Enciclopédia Barsa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1999. V.9

ROSA, R. T. A; CHEVITARESE, A. L. **Karl Marx, Friedrich Engels e o fenômeno religioso**. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Universidade de Taubaté (UNITAU). “Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social”. 2014. Taubaté: SP. Disponível em: http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MCH1205_1427389135.pdf. Acesso em: 22 maio 2018.

SANTOS, I. **A crítica de Karl Marx à religião na obra *A Questão Judaica***. Trilhas Filosóficas. Ano 1. N. 1. jan/jun, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/14/14>. Acesso em: 22 maio 2018.